

A inspiradora história de vida de uma emigrante micaelense lançada em livro nos EUA

POR FRANCISCO RESENDES, NOS EUA

“Coragem Invisível”, a versão em português de “Invisible Courage”, lançado entretanto em 2017, foi apresentada no passado dia 20 de junho no restaurante Algarve, em New Bedford.

O livro é uma autobiografia da impressionante e inspiradora história de Filomena Tripp num percurso de constantes lutas e desafios, revestidos de espírito de perseverança, coragem e luta pela independência e igualdade de direitos daqueles fisicamente incapacitados e que procuram um lugar ao sol, tal como os restantes.

Natural de Santa Cruz, Lagoa, ilha de São Miguel, Filomena imigrou desde muito nova com a família para os Estados Unidos radicando-se em New Bedford.

Foi aqui em terras do Tio Sam que conseguiu emancipar-se, tornar-se uma mulher independente não obstante as dificuldades inerentes a uma pessoa nas suas condições físicas.

“Eu já havia lançado em 2017 este livro em inglês, Invisible Courage, que vendeu muito bem e desde então tinha intenção de publicar uma versão em português, o que só foi possível agora”, começou por nos dizer Filomena Tripp.

O livro foi traduzido por Maria José Carvalho, com edição e revisão de Mário Barbosa e está à venda (\$14.95 por cada exemplar) através do site filomenatripp.com ou pelo email fil@prayer.com-cast.net

“Tive um grupo de pessoas amigas que marcaram presença na festa de lançamento do meu livro em New Bedford e agradeço a todos, em especial a José Artur Cabral, proprietário do restaurante Algarve (na foto, lado esquerdo), que me ajudou neste evento”, reconhece Filomena Tripp, que acalenta outro sonho: ir à sua terra natal e apresentar este livro em português.

A história de Filomena Tripp foi já publicada neste semanário e convém recordar aqui este impressionante percurso de vida desta imigrante portuguesa de São Miguel, entretanto já reformada, mas que ainda dá uma preciosa ajuda ao seu irmão, o Jorge Melo, da Aerus Electrolux.

Trabalhou durante 22 anos como conselheira numa agência de serviços de aconselhamento a pessoas deficientes.

O seu percurso de vida tem



sido inspirador para muitas outras pessoas em situações idênticas e que encontram nela o exemplo de uma mulher que conseguiu superar todas essas adversidades.

Reconhece que a sua vinda para os EUA foi benéfica para uma vida de condições minimamente humanas e dignas, o que na terra natal, pelo menos na altura, seria impensável.

“Não foi fácil os meus tempos de menina lá em São Miguel, pois nessa altura não havia benefícios nem condições para pessoas fisicamente incapacitadas como eu... Foi difícil não apenas para mim como também para toda a família”, referiu ao PT em entrevista em 2018.

Confessa até que a infância na terra de origem constituiu a mais difícil etapa da sua vida, privada de uma vida normal como as restantes crianças.

“Quando nasci o médico disse a minha mãe que era melhor dar uma injeção para eu morrer, mas a minha mãe não quis. Depois fui crescendo, a minha mãe obviamente que não tinha experiência para tratar de uma pessoa como eu, embora fizesse o possível. Não foi muito fácil, não podia ir para a escola nem para a rua brincar, não era uma criança como as outras e apenas me interrogava porque fui assim, sabendo que era diferente dos outros e isso magoava-me”, confidencia-nos Filomena Tripp.



Não ser igual às outras crianças era algo que a atormentava no dia a dia, mas o seu espírito de jovem lutadora contra todos os obstáculos levou-a a sair dessa fase.

“Tive muito ódio, eu não gostava de mim, sorria e ria mas não vinha de dentro, sempre lutei na minha vida, não foi por causa de meus pais, foi por mim própria e pela minha dignidade como pessoa... Penso que nasci com esse espírito de poder ser como os outros”, refere.

Recorda a sua primeira cadeira de rodas que lhe foi oferecida pela família aqui nos Estados Unidos.

“Meu pai andava comigo num carrinho de crianças, mas a minha tia aqui da América recolheu alguns fundos e tive a minha primeira cadeira e recordo que em casa andava no chão arrastando-me e meu pai pagou para eu ir a uma escola”, recorda Filomena, que repudiava veementemente quando ainda na ilha de S. Miguel o seu pai a levava a lugares públicos pedindo clemência e ajuda.

“Quando era criança o que mais me entristecia era quando o meu pai ia à igreja pedir esmola. Eu detestava essa situação e afetou-me psicologicamente, não foi de facto bom para mim... A minha mãe não podia falar e meu pai andava comigo em procissões pedindo clemência e ajuda.

Eu não achava que isso era uma coisa boa. Toda a gente me conhecia por ser a filha do Adelino”, recorda.

Aos 12 anos imigrou para os EUA juntando-se à restante fa-

mília que já aqui residia em busca de uma vida melhor e mais digna. “A minha mãe tinha uma irmã que era americana e ela sempre quis que eu viesse para os EUA.

Isso aconteceu e aos 12 anos vim para a América naturalmente em busca de uma vida melhor”.

Confessa que a sua vinda para este país foi o melhor que pudessem ter acontecido, usufruindo dos serviços de assistência a uma pessoa nas suas condições físicas.

“A verdade é que quando cheguei a New Bedford gostei logo. Matriculei-me na escola e deram-me uma professora, que ia a minha casa duas vezes por semana para aprender a falar inglês e outras coisas. Ao fim de dois anos o meu professor gostou do meu aproveitamento e disse-me que eu deveria continuar na escola... Confesso que não foi fácil uma vez que na altura ainda não tinha a cadeira de rodas, o que veio a acontecer mais tarde e graduei do liceu (“high school””, esclarece Filomena Tripp.

A sua atitude positiva e de encarar a realidade sem preconceitos levou-a a atingir outros patamares, sendo um exemplo a seguir para outras pessoas nas mesmas condições.

“Nasci com esta força, Nosso Senhor sempre andou comigo, ele ajudou-me muito. Tirei muita raiva de mim e aceitei-me a mim e podia amar-me a mim. Hoje gosto da Filomena. Gosto de mim”, revela. A palavra desistir jamais fez parte do seu dicionário de vida. “Nunca me passou pela cabeça dar-me por vencida. As vezes penso como correu tudo tão bem para mim mas nunca sabemos o futuro”.

Exclusivo Portuguese Times/ Diário dos Açores